

07 - NO PAIN, NO GAIN: FIGHTING AND OVERCOMING IN SPORT

GUSTAVO SCHNEIDER DE CAMARGO
UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, São Paulo, Brasil,
gustavoschneider@gmail.com

doi:10.16887/90.a1.7

Introdução.

O presente artigo é de inspiração na tese de doutorado em Ciências da Religião do Professor Doutor Allan da Silva Coelho, intitulada: “O capitalismo como religião: uma crítica a seus fundamentos mítico-teológicos” (2014).

Por meio da crítica mítico-teológica da luta e superação no esporte procuraremos defender a tese do sofrimento como processo formativo educacional, da violência intrínseca no desenvolvimento humano, seja este institucionalizado, ou seja, nas escolas, ou não. Porém, é imprescindível deixarmos muito claro que não se trata de punições, violência física, sofrimento do senso comum, ou mesmo dos que Coelho refere ao citar a crítica de Veena Das em seus estudos (2017). Trata-se das pequenas (ou não) frustrações, entendida por Freud como parte do desenvolvimento humano segundo sua teoria sexual, ou libido, teoria do prazer (LASTÓRIA, 2017a).

Por crítica entendemos, assim como Pucci (2017) quando faz a introdução a uma aula sobre a Teoria Crítica: “negação da ordem estabelecida, pelo anti-positivismo, pela busca de uma sociedade mais justa e humana.” (PUCCI, 2017, p.01). O “mítico-teológico” será embasado em autores da Escola do DEI (Departamento Ecumênico de Investigações, em San Jose, Costa Rica), de teologia secular:

A tarefa da “teologia secular” está em compreender o papel da razão mítica da Modernidade, restaurando a integralidade da racionalidade humana, hoje reduzida a uma de suas dimensões que, em nome de uma compreensão da secularização, nega (ou reduz) o valor da dimensão religiosa na vida humana. (COELHO, 2017, pp. 15-16).

Esporte como religião.

Parafraseando Coelho (2014) no resumo de sua tese: seria possível compreender o esporte como religião? Ao analisarmos o cotidiano das práticas esportivas, sejam estas experimentadas pela TV, em aulas de Educação Física, em conversas entre amigos; é possível percebermos inúmeras correlações entre características mítico-teológicas e da prática esportiva. Como ilustração exemplificadora poderíamos citar as comemorações pós-gol de muito jogadores de futebol, que ajoelham e erguem as mãos para o céu, camisetas com agradecimentos e frases cristãs, entre outras.

Defendemos que a prática esportiva advém de um esporte totalizado. A totalidade que nos referimos não assume divisões impostas ao esporte e suas práticas em diferentes ambientes: esporte-educação, esporte-de alto-nível, esporte-lazer, esporte-espetáculo, esporte-social, esporte-religião, etc. O esporte em nosso entendimento é um só, uma vez que em todas as suas manifestações apresenta três conceitos integradores: o rendimento, a superação e o lúdico segundo Garcia (2015), para nós, o conceito de rendimento e superação se fundem na superação, então, o terceiro elemento integrador seria a luta: forças agônicas presentes no esporte, (o tempo, obstáculos, adversários, clima, etc.). Já que a modernidade é determinada pelas “leis” do capitalismo, da economia neoliberal, a lógica justifica nossa abordagem: se o capitalismo pode ser compreendido como religião; se o esporte sofre as determinações do capitalismo, logo, o esporte pode ser compreendido como religião.

Neste artigo nos atentaremos aos conceitos de luta e superação no esporte. Garcia (2015) entende luta como a oposição de duas forças em uma disputa e superação como a busca pela quebra de limites, barreiras, recordes. Tais conceitos se aproximam do sofrimento, que Coelho (2014) chama de fundamento mítico-religioso sacrificial, segundo ele, seria o sacrifício necessário, exigido pelos capitalistas para a manutenção dos lucros e como redenção para os explorados. Destorcemos, negamos e superamos este sacrifício, no esporte e traremos à luz seu “lado bom”, expondo a ambiguidade do processo formativo-educacional que forjado no mal, pode gerar o bem e por vezes, bem intencionado, promove a destruição: “de boas intenções o inferno está cheio”.

Basta prestar atenção em um certo tipo de pessoa inculta como até mesmo a sua linguagem — principalmente quando algo é criticado ou exigido — se torna ameaçadora, como se os gestos da fala fossem de uma violência corporal quase incontrolada. Aqui seria preciso estudar também a função do esporte, que ainda não foi devidamente reconhecida por uma psicologia social crítica. O esporte é ambíguo: por um lado, ele pode ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por intermédio do fair play, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas de suas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade e o sadismo, principalmente no caso de espectadores, que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos. É preciso analisar de uma maneira sistemática essa ambigüidade. Os resultados teriam que ser aplicados à vida esportiva na medida da influência da educação sobre a mesma. (ADORNO, p. 127).

No pain, no gain.

No pain, no gain, expressão corriqueira no meio esportivo, tem sua origem atribuída a um rabino (origem teológica) e a Benjamin Franklin em seu livro “O caminho da riqueza” (origem capitalista), porém, a ideia que tal frase supõe, a de um sacrifício, sofrimento necessário a fim de obter ganhos, algo melhor a frente, já se faz presente em inúmeras citações bíblicas:

- Não só isso, mas também nos gloriamos nas tribulações, porque sabemos que a tribulação produz perseverança. Romanos 5:3;

- Considero que nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada. Romanos 8:18;

- Pois assim como os sofrimentos de Cristo transbordam sobre nós, também por meio de Cristo transborda a nossa consolação. Se somos atribulados, é para consolação e salvação de vocês; se somos consolados, é para consolação de vocês, a qual lhes dá paciência para suportarem os mesmos sofrimentos que nós estamos padecendo. II Coríntios 1:5-6;

- Os Sofrimentos de Paulo Contribuem para a Expansão do Evangelho. Filipenses 1:12, título que inicia este trecho;

- Agora me alegro em meus sofrimentos por vocês, e completo no meu corpo o que resta das aflições de Cristo, em

favor do seu corpo, que é a igreja. Colossenses, 1:24;

- Ao levar muitos filhos à glória, convinha que Deus, por causa de quem e por meio de quem tudo existe, tornasse perfeito, mediante o sofrimento, o autor da salvação deles. Hebreus, 2:10;

Essas são algumas passagens bíblicas, entre muitas, mas propositadamente, usamos acima, as que foram escritas por Paulo de Tarso, apesar de haver dúvidas quanto à autoria do livro de Hebreus, para alguns estudiosos.

Nos ateremos a citação de Paulo em II Corintíos 12: 7-10:

Para impedir que eu me exaltasse por causa da grandeza dessas revelações, foi-me dado um espinho na carne, um mensageiro de Satanás, para me atormentar. Três vezes roguei ao Senhor que o tirasse de mim. Mas ele me disse: "Minha graça é suficiente para vocês, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza". Portanto, eu me gloriarei ainda mais alegremente em minhas fraquezas, para que o poder de Cristo repouse em mim. Por isso, por amor de Cristo, regozijo-me nas fraquezas, nos insultos, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias. Pois, quando sou fraco é que sou forte.

e denominaremos seu "espinho na carne" de "culpa necessária". Nesta citação bíblica, é possível interpretarmos o espinho na carne de Paulo como consciência moral. É de conhecimento dos estudiosos em educação que a Teoria Crítica da escola de Frankfurt (Benjamin, Adorno, Horkheimer, outros) faz uso da teoria freudiana para a reflexão filosófica e ao adotarmos sua teoria do desenvolvimento humano, vemos que a constituição do super-ego, ou super-eu (consciência moral) se faz por meio da culpa, barreiras, frustrações, sofrimentos que devem ser experimentados com o intuito de nos tornarmos civilizados, seres éticos e morais (LASTÓRIA, 2017b).

Segundo Weber, toda ética baseada em fatores religiosos prevê certas sanções psicológicas (não econômicas) que são muito eficientes na configuração das condutas das pessoas em suas vidas, possuindo, desta forma, influência indireta também sobre a economia. Enquanto a fé permanece viva, mantém-se altamente eficiente. Portanto, a fé desempenha um papel importante na configuração das atitudes, desde que viva, mesmo que conflitante com os teólogos ou que não esteja explicitada como teoria de sociedade. (COELHO, 2014, p. 08).

Em tempos de efemeridade, hedonismo, imediatismo, frutos do capitalismo neoliberal e da revolução tecnologia, podemos confirmar, no cotidiano com professores e técnicos envolvidos com o esporte, que o compromisso com os treinamentos, com a dedicação e sofrimentos necessários, são cada vez menos suportados. A fala destes professores e técnicos se repete, muitos alunos iniciam no esporte pela busca de tornarem-se ídolos famosos, celebridades, sem o menor conhecimento do que tem de ser feito para chegar a um alto nível performático, de rendimento, no esporte escolhido. Isso tem paralelo também com a educação escolar. A lei do mínimo esforço impera. O contrário do no pain, no gain.

A necessidade de prazer imediato e mínimo esforço reflete o desligamento do indivíduo com seus pares, ou a transformação do Outro em destruidor do seu eu. Nesta lógica alienada, os adversários se tornam inimigos e destruidores. Perde-se a referência de que nosso desenvolvimento como seres humanos e cidadãos é dependente da mediação do Outro. O esporte tem papel fundamental na reconstituição da totalidade, no que nos liga uns aos outros, que nos torna interdependentes. Arriscamo-nos a dizer que a função do esporte na atualidade é ética, da formação moral dos indivíduos.

Mas, Freud, por outro lado, não ignora a determinação social da psique humana. Sabe que tanto a formação do "eu" quanto o desdobramento desse em "super-eu", só são possíveis pela mediação do outro, e que a não realização do desejo individual deve-se às proibições sociais, ou seja, sabe que o indivíduo socializado está condenado à renúncia pulsional e à repressão.

Vimos que os impulsos sexuais e os impulsos destrutivos, ambos vitais ao homem, necessitam ser coibidos, inibidos, ou tolerados dentro de certos limites uma vez que se constituem em ameaças para o desenvolvimento da civilização. [...] Já o desejo de agressão, desde muito cedo na criança, deve ser internalizado voltando-se contra a sua origem, ou seja, contra o próprio eu de onde proveio. Aí, é assumida por uma parte do eu que se desdobra em super-eu. Esse último, por sua vez, se volta novamente contra o eu infantil com a mesma agressividade que a criança gostaria de ter exteriorizado sobre o outro ao reconhecer nele o obstáculo para a realização de seus desejos. [...] Em termos psicodinâmicos, a tensão entre eu e super-eu ocasiona o sentimento de culpa e expressa-se como necessidade de punição. Tal necessidade parte do eu que se torna masoquista sob a austeridade de um super-eu sádico.

A esse respeito argumenta Freud: Visto que a civilização obedece a um impulso erótico interno que leva os seres humanos a se unirem num grupo estreitamente ligado, ela só pode alcançar o seu objetivo através de um crescente fortalecimento do sentimento de culpa. Disto resulta um mal estar, um certo tipo de insatisfação sentida por cada um de nós, de caráter difuso, e inerente ao desenvolvimento da própria civilização. A isso a religião cristã denominou como "pecado". (LASTÓRIA, 2017b, pp. 06-07).

Para além do pecado, e do sofrimento desmesurado, o sofrimento inerente à luta e superação no esporte é formativo, é educacional e ferramenta para a reconstituição da totalidade entre os seres humanos e o mundo em que vivemos.

O espinho na carne de Paulo, a culpa, como o mesmo diz, o impediu de se engrandecer, por ter tido o privilégio de

receber revelações divinas. O sofrimento do treinamento esportivo, as frustrações por não ser tão habilidoso quanto o colega de time, a derrota, os adversários, nos ajudam na construção de um caráter resiliente, molda nossa personalidade para a integralidade dos seres humanos. Somos interdependentes em nossa formação, estamos todos no mesmo mundo e dependente dos mesmos recursos, da natureza. Chegamos a um ponto em nossa existência em que devemos, urgentemente nos sensibilizar em relação ao Outro, entendermos que somos o que somos pelo Outro, equilibrar o eros e o thanatos, que a muito pende para a morte:

A insensibilidade com relação à morte individual tem paralelo com a inconsciência referente ao destino do planeta. Pela primeira vez na história da humanidade a morte ultrapassa a dimensão do indivíduo e ameaça a sobrevivência de todos. Não que as pessoas não saibam dos riscos de um desastre nuclear ou dos prejuízos ao ambiente causados pela poluição, pelo desmatamento ou pelo desperdício de água potável. Mas, tal como a morte, continuam agindo como se essas questões não lhes dissessem respeito. (ARANHA e MARTINS, 2009, p. 104).

O sofrimento, a luta, a culpa necessária, as frustrações precisam ser vivenciadas, experimentadas, refletidas. O esporte tem, indiscutivelmente, importância no ensino moral e ético entendido como a consciência da totalidade da vida e no questionamento (crítica) da cultura e sociedade:

Em termos planetários, a consciência da morte nos ajuda a questionar os falsos objetivos do progresso a qualquer custo e a nos perguntar sobre o legado para as gerações futuras. (ARANHA e MARTINS, 2009, p. 104).

O esporte: do homem, para o homem.

O esporte como formação, como educação, não tem um fim em si mesmo. O real objetivo do esporte não é a técnica, nem a tática, nem suas regras. O esporte como prática humana, parte do homem e para ele retorna. A função formativa-educacional do esporte é ética. Devemos ensinar o esporte, praticar esporte como crescimento, desenvolvendo uma autonomia (ADORNO) consciente, responsável, reflexiva, coerente e sobretudo discernente. Um discernimento paulino que vê além das leis, do legalismo como base do comportamento (e.g. "se não está previsto na lei, não é crime"), que, por analogias esportivas, vai além das regras do jogo, para o fair play. Uma responsabilidade autônoma do indivíduo para com ele mesmo e para com seus pares. Por Paulo podemos aferir que há diferenças em seguir as regras do esporte (leis) e o discernimento (fair play):

Sobre esse pano de fundo, Paulo analisa a moralidade do corpo inclinado para a vida. Desaparece a lei: "Porque diante dele ninguém será justificado pelas obras da lei, pois da lei vem só o conhecimento do pecado" (Rm 3,20).

Trata-se da lei das observâncias: "Onde está, então, o motivo de glória? Fica excluído. Em força de que lei? A das obras? De modo algum, mas em força da lei da fé. Porquanto nós sustentamos que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei" (Rm 27). (HINKELAMMERT, 1999, p. 194).

Essa fé é agora a afirmação da esperança (no Espírito) do corpo libertado. Não é crença, mas a moralidade implícita dessa afirmação. Na fé, enquanto antecipação, há implícita uma ética e uma moralidade. Mas nem uma nem outra são a lei. Paulo quer destruir qualquer norma que se cumpra por observância. Na norma não há nenhum valor em si. Da norma não resulta nenhuma razão para observá-la. É simples exterioridade para o sujeito, e o sujeito decide se se guia por ela ou não. Nem o fato de ser ditada por Deus no Sinai salva. Perde toda a legitimidade. Mas não sua vigência. Está vigente no grau em que a fé a legitima. Não vale por ser mandamento; mas como implicação da fé, a norma torna a aparecer no grau em que a fé a legitima. Mas o critério não é que sejam normas ditadas (por Deus ou pelos homens) e sim que derivem da fé. Isso, evidentemente, implica um conceito de fé que não seja uma crença ou observância de crenças, mas de antecipação da nova terra. Essa antecipação não é individual, mas se efetua em comunidade com todos os homens. O centro dessa antecipação é para Paulo o amor ao próximo, que é núcleo da ética e em função da qual se determina a moralidade. Nenhuma moralidade pode ser derivada de norma alguma: mas a moralidade com referência ao amor ao próximo legitima a ação segunda uma norma. Não se destrói a norma, mas muda-se o ponto de referência dela: "Não devais nada a ninguém, a não ser o amor mútuo, pois quem ama o próximo cumpriu a lei. De fato, os preceitos: não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não cobiçarás, e todos os outros se resumem nesta sentença: amarás o teu próximo como a ti mesmo. A caridade não pratica o mal contra o próximo. Portanto, a caridade é a plenitude da lei." (Rm 13, 8-10). (HINKELAMMERT, 1999, pp. 194-195).

O sofrimento, o sacrifício no esporte pode trabalhar em favor de uma formação moral e ética. Em termos psicológicos, também exercita a resiliência. Em biografias de atletas renomados, é comum vermos relatos desse processo formativo do esporte pela luta e superação. Gostaríamos agora de citar algumas passagens que são exemplos do que refletimos durante o texto. A biografia é de uma nadadora de maratonas aquáticas, Poliana Okimoto. A escolha por essa biografia se deu por Poliana e seu marido e técnico, Ricardo Cintra, serem nossos amigos pessoais, o que reafirma a veracidade dos fatos.

O sofrimento.

O relógio marca 18h30. Estou na piscina há mais de duas horas. Sem contar as

outras três já cumpridas no período da manhã e o tempo dedicado à preparação física fora d'água, à fisioterapia e à massagem. Já perdi a conta de quantos metros nadei. O treinador não para de gritar para me incentivar. A intensidade é altíssima e os intervalos para descansar, quase nulos. Sinto como se meu coração saísse pela boca. A dor é lancinante e difícil de colocar em palavras. Lembro-me de outros treinos tão duros quanto este, em preparações para competições nas quais não tive os resultados que queria. Penso se tudo isso vale a pena.

A descrição é perfeita para muitas das milhares de sessões de treinamento pelas quais passei. Como se vê, o sofrimento é diário. E sim, já me questionei várias vezes se tanto esforço e comprometimento faziam sentido. E sempre cheguei à mesma conclusão. (GOMES e La PEÑA, 2017, p. 07, prefácio de Poliana Okimoto). (Grifo nosso).

O esporte e a vida, frustrações recorrentes.

O esporte, assim como a vida, por vezes é ingrato. Em um dia, parece que está tudo bem. No outro, um desastre. As expectativas que foram depositadas sobre ela foram tão altas que, na virada da década, resultados que a colocavam entre as melhores do país e que causariam inveja a muita gente eram vistos como decepcionantes. (GOMES e La PEÑA, 2017, p. 31);

Houve outros casamentos, formaturas, aniversários, comemorações, encontros, festas e velórios aos quais não pôde comparecer. Alguns achavam estranho. “Para quem não tem tal espírito de renúncia, realmente é difícil de entender”, afirma Cleonice. “E no esporte, para conseguir o que ela conseguiu, é preciso ter esse espírito. É admirável.” Poliana jamais abriu mão de nada na natação. Mesmo que para isso tivesse que se ausentar de compromissos importantes de sua vida pessoal. Em troca, ela obteve uma vitória, uma medalha, uma disputa, uma frustração, uma alegria.” (GOMES e La PEÑA, 2017, p. 150).

A dor, a luta, a superação.

Um treino em particular desse período pré-olímpico ficou marcado para Ricardo. Poliana já havia nadado mais de 5 mil metros, quando teria de cumprir três séries de 15 de 100 m, em grande intensidade, com intervalo curto – 1 min 15s para nadar e descansar a cada 100 m. Ao final da segunda série, Ricardo notou que a nadadora chorava. Estava exaurida. Perguntou se queria que o intervalo fosse aumentado ou a série diminuída, e recebeu um palavrão. Desistir jamais esteve no vocabulário. Preocupado, o treinador pediu ao salva-vidas do Esperia que redobrasse a atenção e ficasse de olho na nadadora. A tensão e o esforço eram tais que ele temia que Poliana desmaiasse em pleno treinamento. O episódio ilustra a mentalidade da atleta, principalmente às vésperas dos Jogos Olímpicos. (GOMES e de La PEÑA, 2017, p. 158);

O Outro em mim.

Poliana teve seu papel pioneiro na maratona aquática e abriu muitos caminhos para todas que a seguiram. É inegável a sua influência nas carreiras das mais novas. Foi medalhista no Mundial de Águas Abertas em 2006, venceu a Copa do Mundo em 2009 e conquistou o Prêmio Brasil Olímpico em 2013. Ana Marcela, por sua vez, repetiu os dois primeiros feitos em 2010 e o último em 2015. Vê-se que Poliana abriu caminho para diversas conquistas. Caso Ana Marcela conquiste uma medalha olímpica no futuro, sabe que um pedaço dela será de Poliana.

Assim como Poliana sabe que um pedaço da medalha olímpica que viria a conquistar no Rio de Janeiro é de Ana Marcela. Ela reconhece tal concorrência acirrada, porém saudável, como fator de suma importância para que se mantivesse tanto tempo entre as melhores e alcançasse afinal o sonhado e brilhante objetivo. (GOMES e La PEÑA, 2017, p. 168);

Não só atletas olímpicos passam pelo sofrimento, luta e superação no esporte formando o caráter, atletas amadores também, praticantes esporádicos idem. Sugerimos o filme, inspirado em fatos reais, “100 Metros” (Dir. Marcel Narrena, 2017, 108 min.) como comprovação.

Considerações finais.

Teceremos nossas considerações finais aos moldes da escrita adorniana, por meio de aforismos. Pensamentos que não só sintetizam o texto, mas que talvez provoquem a continuidade de discussões e críticas sobre que caminho seguir “no labirinto do desporto” (GARCIA, 2015).

O esporte é um só.

Seu caráter formativo-educacional é inegável. Suas categorias integradoras são relacionadas as da religião, categorias mítico-teológicas.

Por ser ambíguo, a luta e o sofrimento no esporte, podem reproduzir o mesmo fundamento mítico-religioso sacrificial,

exigido pelo superconsumo capitalista neoliberal, antiético, fatalista, hedonista, egoísta, ou promover a construção de um caráter resiliente, de luta, humano.

A educação contra a barbárie de Adorno não é anacrônica.

A competitividade do esporte foi distorcida aos moldes capitalistas.

O sofrimento de um é o sofrimento de todos.

Só sofre quem se sabe parte de um todo, formado pelo conjunto de múltiplas determinações, de muitos Outros.

A culpa é necessária.

As frustrações nos movem a ação.

A ação esperançosa deixa marcas, cicatrizes do humano.

Amor ao próximo é justiça social.

Fair play no esporte e na vida.

Referências.

- 100 Metros. Direção de Marcel Barrena. Espanha/Portugal, 2017. (108 min.), son., color.
- ADORNO, T. W. Educação e Emancipação. São Paulo: Paz e Terra. 190 p. Tradução Wolfgang Leo Maar.
- ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. Filosofando: Introdução à Filosofia. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009. 479 p.
- BÍBLIA sagrada português-inglês = Holy Bible portuguese-english. – São Paulo: Editora Vida, 2003. NVI-IVN, Nova Versão Internacional, New International Version.
- COELHO, A. da S. O espírito do capitalismo como fundamento de motivação e normalidade. Apresentação. UNIMEP – PPGE. Núcleo de História e Filosofia da Educação. Piracicaba, abril de 2017.
- COELHO, A. da S. Legitimation theological of suffering as pedagogy: critical in Veena Das. Educação, [s.l.], v. 40, n. 1, p.41-52, 31 maio 2017. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2017.1.22628>.
- COELHO, A. da S. O capitalismo como religião: uma crítica a seus fundamentos mítico-religiosos. 2014. 281 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Humanidades e Direito, Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.
- DUARTE, N. Educação, Modernidade e Pós-modernidade. Postagem de Efrain Maciel e Silva. Brasília. 2013. (133 min.), Digital, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YIHN6ihXi4I>. Acesso em: 13 de julho de 2017.
- GARCIA, R. P. No Labirinto do Desporto: Horizontes Culturais Contemporâneos. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2015. 358 p.
- GOMES, D. T.; La PEÑA, H. de. Poliana Okimoto. São Paulo: Contexto, 2017. 240 p.
- HINKELAMMERT, F. Vida e morte na mensagem cristã. In: HINKELAMMERT, Franz. As armas ideológicas da morte. São Paulo: Paulinas, 1999. Cap. 3. p. 183-215.
- LASTÓRIA, L. A. C. N. O topos psicológico no interior da teoria crítica da sociedade. Piracicaba. Aula em disciplina do doutorado em educação do PPGE – UNIMEP, junho de 2017.
- LASTÓRIA, L. A. C. N. O topos psicológico no interior da teoria crítica da Sociedade. Piracicaba. Texto de aula da disciplina Epistemologia e Educação I. Doutorado em Educação do PPGE-UNIMEP. Junho de 2017.
- PINO, A. As marcas do humano. Cortez, 2005.
- PUCCI, B. Teoria Crítica e Educação: texto de aula PPGGE-UNESP-Rio Claro. Piracicaba. 2017.

ABSTRACT

Through a mythological-theological critic of struggle and overcoming in sport, we pretend to defend a thesis based on suffering as an educational formative process, as a human development process, either in a institutionalized environment, such as schools, or not. Howsoever it is important to clarify that suffering does not refer to punishment, physical violence or common sense suffering, it means the little (or not) frustrations understood by Freud in his sexual theory, libido, theory of pleasure, as part of human development (LASTÓRIA, 2017a). By critique, we understand “the denial of the established norm, the anti-positivism, the search for a fairer and more humane society.” (PUCCI, 2017, p.01). The “mythological-theological” will be based in authors from the DEI school of secular theology (Department of Ecumenical Investigation, in San Jose, Costa Rica). For being ambiguous, struggle and suffering in sport can reproduce the same mythical-religious sacrificial foundation demanded by neoliberal capitalism overconsumption, an unethical, fatalistic, hedonistic, selfish foundation, or promote the construction of a resilient personality, a fighter personality, a human being.

Key words: Sport, struggle, overcoming.

RÉSUMÉ

À travers la critique mythologique-théologique de la lutte et du dépassement dans le sport, nous chercherons à défendre la thèse de la souffrance comme un processus de formation pédagogique du développement humain, institutionnalisé à l'école ou non. Cependant, il est essentiel de préciser très clairement qu'il ne s'agit pas de punition, de violence physique ou de souffrance du sens commun, mais des petites frustrations ou non, qui sont comprises par Freud comme faisant partie du développement humain selon sa théorie sexuelle ou théorie de la libido, théorie du plaisir (LASTÓRIA, 2017a). Par critique, nous entendons “la négation de l'ordre établi par l'anti-positivisme, par la recherche d'une société plus juste et plus humaine” (PUCCI, 2017, p.01). L'aspect “mythologique-théologique” sera basé sur les auteurs de la théologie séculière de l'École de DEI (Département œcuménique d'investigations de San José, Costa Rica). Étant ambigu, la lutte et la souffrance dans le sport peuvent reproduire le même fondement sacrificiel mytho-religieux requis par la surconsommation capitaliste néolibérale, contraire à l'éthique, fataliste, hédoniste et égoïste ou promouvoir la construction d'un caractère humain résilient et combattant.

Mots-clés: Sport, lutte, dépassement.

RESUMEN

Por medio de la crítica mítico-teológica de la lucha y superación en el deporte buscaremos defender la tesis del sufrimiento como proceso formativo educacional, del desarrollo humano, sea este institucionalizado, en las escuelas, o no. Sin embargo, es imprescindible que dejemos muy claro que no se trata de puniciones, violencia física, sufrimiento del senso común, se trata de las pequeñas (o no) frustraciones, entendida por Freud como parte del desarrollo humano según su teoría sexual, o libido, teoría del placer (LASTÓRIA, 2017a). Por crítica entendemos como “la negación de la orden establecida, por el anti-positivismo, por la búsqueda de una sociedad más justa y humana.” (PUCCI, 2017, p.01). El “mítico-teológico” será embasado en autores de la Escuela del DEI (Departamento Ecuménico de Investigaciones, en San Jose, Costa Rica), de teología secular. Por ser ambiguo, la lucha y el sufrimiento en el deporte, pueden reproducir el mismo fundamento mítico-religioso sacrificial, exigido por el superconsumo capitalista neoliberal, antiético, fatalista, hedonista, egoísta, o promover la construcción de un carácter resiliente, de lucha, humano. Palabras clave: Deporte, lucha, superación.

RESUMO

Por meio da crítica mítico-teológica da luta e superação no esporte procuraremos defender a tese do sofrimento como processo formativo educacional, do desenvolvimento humano, seja este institucionalizado, nas escolas, ou não. Porém, é imprescindível deixarmos muito claro que não se trata de punições, violência física, sofrimento do senso comum, trata-se das pequenas (ou não) frustrações, entendida por Freud como parte do desenvolvimento humano segundo sua teoria sexual, ou libido, teoria do prazer (LASTÓRIA, 2017a). Por crítica entendemos como a "negação da ordem estabelecida, pelo anti-positivismo, pela busca de uma sociedade mais justa e humana." (PUCCI, 2017, p.01). O "mítico-teológico" será embasado em autores da Escola do DEI (Departamento Ecumênico de Investigações, em San Jose, Costa Rica), de teologia secular. Por ser ambíguo, a luta e o sofrimento no esporte, podem reproduzir o mesmo fundamento mítico-religioso sacrificial, exigido pelo superconsumo capitalista neoliberal, antiético, fatalista, hedonista, egoísta, ou promover a construção de um caráter resiliente, de luta, humano.

Palavras-chave: Esporte, luta, superação.